



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Brasil

Laignier, Pablo

Por uma hermenêutica tradutora do comum

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 22, núm. 3, julio-septiembre, 2015,  
pp. 228-234

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550202013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Por uma hermenêutica tradutora do comum

### *Towards a hermeneutics that translates the common*

Pablo Laignier

Doutor em Comunicação pela ECO/UFRJ. Professor e Pesquisador da área de Comunicação Social da UNESA e do IBMEC.

Organizador do livro "Introdução à História da Comunicação" (E-Papers, 2009).

<[pablolaignier@gmail.com](mailto:pablolaignier@gmail.com)>

### RESUMO

Resenha sobre o último livro do autor Muniz Sodré, intitulado *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional*.

**Palavras-chave:** Comunicação. Epistemologia. Muniz Sodré.

### ABSTRACT

Review about the last book of the author Muniz Sodré, entitled *The Science of Common: notes for a communicational method*.

**Keywords:** Communication. Epistemology. Muniz Sodré.

### Texto Resenha sobre o livro "A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional", do autor Muniz Sodré (Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 323 p)



Não é simples a discussão acadêmica sobre o campo teórico da comunicação, principalmente em se tratando de produzir atualmente um estudo epistemológico que busque definir fronteiras, áreas de interesse, métodos e objetos próprios de uma ciência da comunicação. Tarefa árdua devido a diferentes motivos, tais como: a) a interdisciplinaridade do campo da comunicação; b) a mobilidade dos objetos de estudo, devido a seu caráter tecnológico e dinâmico; c) a dificuldade em mapear ou definir todos os objetos possíveis

de análise que cabem no imenso “guarda-chuva” da comunicação (FRANÇA, 2001, p. 47-51).

A despeito disso, bem se sabe que este campo do conhecimento vem crescendo no Brasil, em que são promovidos anualmente congressos nacionais nos quais se engajam milhares de pessoas, de pesquisadores experientes a estudantes de graduação (e onde estão presentes trabalhos de cunho teórico e prático). A comunicação existe como campo e, por mais difícil que seja a tarefa de pensá-la enquanto campo epistemológico com características próprias, enquanto ciência ou discurso científico, esta tarefa é mais do que necessária.

Pois Muniz Sodré, autor de muitos livros ao longo de uma trajetória de mais de 40 anos como professor da UFRJ, dedicou-se a esta hercúlea tarefa. Sodré já havia brindado o campo da comunicação com obras significativas em termos epistemológicos, dentre as quais vem se destacando na última década o livro *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede* (Sodré, 2002). Esta obra possui o mérito de pensar a comunicação social na contemporaneidade de modo amplo e crítico, definindo o conceito de “bios midiático”. O quinto capítulo deste livro, intitulado *Communicatio e epistème*, já oferecia um caminho inicial para a reflexão que foi desenvolvida pelo autor em sua mais nova obra, *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional* (Sodré, 2014), em que Sodré busca epistemologicamente definir o campo da comunicação levando em conta o que já foi de fato produzido e é estudado como parte constituinte deste campo, mas também as questões filosófico-etimológicas necessariamente implicadas em um trabalho teórico de caráter epistemológico.

Em poucas palavras, o livro mais recente de Muniz Sodré consiste em uma leitura densa e que procura, através de três capítulos, discutir o que os pesquisadores da comunicação realizaram no século XX, quais foram suas preocupações, de modo a refletir sobre o que podemos, ou não, compreender como ciência da comunicação.

O primeiro capítulo, intitulado “Uma ciência pós-disciplinar”, busca avaliar em que medida os estudos fundantes do campo comunicacional nos EUA e na Europa são oriundos de campos como a sociologia, a antropologia e a semiologia, abordando as propriedades destes campos e o que lhes falta no que se refere a um “olhar” especificamente comunicacional. Neste capítulo, Sodré demonstra o quanto cada ciência possui de próprio e também de genérico, além de discutir a importância de uma definição epistemológica da comunicação não somente pelas questões de cientificidade contidas nos estudos sobre determinados temas, mas pela necessidade pragmática de uma afirmação institucional do

campo, o que garante verbas para pesquisas e outros procedimentos próprios da academia contemporânea.

Neste capítulo, Muniz Sodré discorre sobre como os estudos sobre comunicação, no século XX, tenderam para os estudos centrados na mídia (aparatos tecnológicos estreitamente ligados à ideologia financeira neoliberal) e para os estudos centrados na linguagem (como se comunicação e linguagem fossem sinônimos absolutos). Nesta parte, a análise do autor sobre a obra de Marx e sua aplicabilidade contemporânea, em que o capital fictício assume importância maior do que nos séculos anteriores, é fundamental. Dela decorre a indicação de que a comunicação enquanto campo vem sofrendo de um reducionismo à lógica de funcionamento do capitalismo contemporâneo, embora tanto a etimologia do termo “comunicação” quanto o que a mesma representa enquanto atividade social já existente anteriormente ao modo de produção capitalista estariam ligados ao vínculo, ao comum que se estabelece entre os sujeitos de modo a tornar possível a sociabilidade em qualquer agrupamento social.

Para além da linguagem puramente, a comunicação indica, segundo Sodré, o jogo do comum que preenche os grupos sociais, ou seja, um conjunto de comportamentos, afetos, vínculos profundos (dentre os quais se inclui a linguagem) ligados a um território (que pode ser físico ou simbólico) e que possibilitam à “comunidade” existir. Para o autor, citando nomes como Vattimo e Esposito, a “comunidade” não se forma a partir da soma pura e simples de sujeitos plenamente estruturados e estruturantes, mas a partir das exterioridades vazias, dos espaços de ligação ou relação necessários no cotidiano destes agrupamentos sociais; do “*cum-munus*” (“ser-em-comum”) que vincula mais profundamente do que a simples troca existente no individualismo do consumo capitalista presente nas sociedades midiaticizadas contemporâneas. Trata-se, portanto, do vazio que constitui o sujeito quando este se coloca em direção ao Outro (algo a ser preenchido nesta relação). Em outras palavras, trata-se daquilo que só existe em “relação a” ou quando se “é-com”.

Ainda no primeiro capítulo, Sodré apresenta a midiaticização como fenômeno (mais do que conceito) capaz de se estabelecer cada vez mais como traço comum da contemporaneidade, em sua face neoliberal ou globalizada. Esta midiaticização cria uma ambiência que o autor já havia definido como um “*bios virtual*”, chamando-o mais especificamente de “*bios midiático*”. Finalmente, neste capítulo o autor discute a dispersão cognitiva do campo comunicacional e a relação fundamental que este campo adquiriu com as práticas comunicacionais/midiáticas, tendo se desenvolvido (não apenas no Brasil) como um campo em

que a formação profissional é, por vezes, mais atraente do que a reflexão teórica. A busca por uma episteme consistente que claramente crie uma distinção própria ao campo da comunicação passa necessariamente pela questão de encarar o processo de mediação como fenômeno social cuja relação dialética com o real-histórico apresenta uma ambiência geradora de processos complexos que definem um comum que se busca compreender.

Após estas constatações, o segundo capítulo, intitulado “A inteligibilidade redescritiva”, aponta para a necessidade de uma aproximação entre as ciências sociais, em especial a comunicação, e as indagações filosóficas de autores como Heidegger, Baudrillard e o filósofo pragmatista Richard Rorty. Assim, o autor apresenta o campo de estudos comunicacionais como um “sistema de inteligibilidade” que se constitui enquanto “hermenêutica da existência”, realizando uma redescritção a partir de uma estrutura própria a respeito de fenômenos que situam o comum da humanidade. Nas palavras do próprio autor:

Em suas contribuições mais fecundas, essa hermenêutica tem consistido: (a) no empenho por uma *redescritção* das relações entre o homem e as neotecnologias, que seja capaz de levar em conta as transformações da consciência e do *self* sob o influxo de uma nova ordem cultural, a *simulativa*; (b) ao mesmo tempo, o empenho ético-político-antropológico no sentido de viabilizar uma *compreensão* das mutações socioculturais dentro de um horizonte de autoquestionamento, norteado pela afirmação da diferença essencial do homem, de sua singularidade”. (Sodré, 2014, p.172)

Para Sodré, um dos grandes desafios para os pesquisadores contemporâneos é assumir a impossibilidade de tratar hoje, do mesmo modo como a metafísica fazia, de oposições como “*logos x pathos*” e “*razão x paixão*”. O cenário contemporâneo incorre em uma hibridação cada vez maior destas noções, tal como Sodré já tratara em outra de suas obras, o livro *As estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política* (Sodré, 2006).

Este capítulo ressalta também a importância de que uma ciência da comunicação reflita a diversidade cultural existente e que se faz ver cada vez mais no mundo mediado. Nas palavras do autor: “Uma ciência da comunicação é tão só o resultado da exigência histórica de se chegar a um entendimento ético e político do que está subsumido nas novas formas de elaboração do comum” (Sodré, 2014, p.188).

Se no segundo capítulo Sodré aponta claramente para o que a ciência da comunicação não é, e apresenta uma definição mais geral do que ela vem

a ser enquanto sistema de inteligibilidade ou episteme singular, é no terceiro capítulo, intitulado “A organização do comum”, que o autor apresenta os níveis operativos de uma ciência da comunicação, retomando a discussão iniciada no já citado texto *Communicatio e epistème*. Antes disso, porém, Sodré realiza uma distinção entre “significar” e “simbolizar”, demonstrando o quanto a comunicação funciona mais como elemento social do que algo a ser estudado isoladamente (tal como muitos semiologistas do século passado fizeram). O símbolo, mais do que o significado, é algo que existe somente “em relação”, só existe como termo vinculativo. Assim, a comunicação é um elemento simbólico, cultural, muito mais do que simplesmente uma linguagem ou uma estrutura acabada.

Esta distinção é fundamental (e muitas vezes negligenciada por outros teóricos da comunicação) na medida em que coloca a comunicação como um elemento constitutivo e constituído através do “valor”, algo que se modifica sócio-historicamente. Neste ponto do livro, Sodré recorre novamente a Karl Marx (um dos mais brilhantes pesquisadores do mundo contemporâneo, devido à relevância e atualidade de sua produção teórica) para efetuar a já clássica distinção entre “valor de uso” e “valor de troca”, demonstrando o quanto a comunicação está vinculada a este último, por se constituir como processo simbólico:

Desse modo, as relações humanas não provêm diretamente de uma matriz linguística (ou de um nível linguístico de comunicação, mas de códigos metacomunicativos, implícitos na linguagem e resultantes de “negociações” ou da “luta” em torno da medida comum, na perspectiva do materialismo histórico) no plano da experiência ambiental. Como esses códigos não encontram uma tradução simples no sistema linguístico, faz-se necessário outro sistema de inteligibilidade para o processo comunicacional. (Sodré, 2014, p.279)

Ainda neste capítulo, o autor procura demonstrar o quanto, em termos metodológicos, a comunicação encontra respaldo no método abdutivo concebido por Charles Sanders Peirce e utilizado por autores como Jean Baudrillard. Isto decorre do fato dos dispositivos midiáticos, ao contrário dos objetos científicos delimitados pelas disciplinas mais tradicionais das ciências sociais, se constituírem simultaneamente enquanto sujeitos produtores de discurso. Deste modo, Muniz Sodré afirma que é preciso rever o lugar do observador epistemológico, pois a relação homem/máquina hoje já não é a mesma de um século atrás: o *bios* virtual vem possibilitando situações de produção do conhecimento e de outras atividades em que homens e máquinas atuam de modo cada vez mais igualitário.

Na última seção deste capítulo, o autor trabalha os níveis operativos de uma ciência da comunicação e apresenta três níveis distintos: (1) o relacional, (2) o vincutivo e (3) o crítico cognitivo ou metacrítico (Sodré, 2014, p.293). Esta nomenclatura é uma revisão, segundo o próprio autor, dos termos apresentados em *Communicatio e epistème* (Sodré, 2002), devidamente revisados e aprimorados<sup>1</sup>. De modo muito esquemático, poder-se-ia dizer que estes níveis correspondem a: (1) os estudos sobre as questões midiáticas e que tratam a comunicação a partir de um paradigma informacional/tecnológico; (2) os estudos que tratam mais propriamente da comunicação como algo além dos dispositivos midiáticos (embora perpassada por eles), abordando temas como as formas alternativas de comunicação e mesmo da sociabilidade disposta através de um comum (tal como, por exemplo, os estudos em comunicação comunitária); (3) os estudos que se empenham em discutir epistemologicamente a própria comunicação enquanto conceito, além dos métodos e aportes teóricos utilizados por este campo.

Obviamente, a explicação de Muniz Sodré é mais interessante e complexa do que o exposto no parágrafo acima. A brevidade desta resenha, embora pretenda apresentar os pontos principais desta obra, não garante o mesmo prazer de ler todo o livro, uma das obras comunicológicas mais fundamentais lançadas nos últimos anos neste país. Principalmente para nós, pesquisadores e professores empenhados no dia a dia da ciência da comunicação. Trata-se de um livro sobre o nosso elo vincutivo, sobre o nosso próprio comum.

### Referências:

FRANÇA, Vera Veiga. "O objeto da comunicação/a comunicação como objeto". In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 39-60.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

1 Na tipologia original, o termo "veiculativo" era utilizado ao invés de "relacional" e o termo "cognitivo" era utilizado ao invés de "crítico-cognitivo" (ou "metacrítico").

Recebido em: 30/3/2015

Aceito em: 19/5/2015

Endereço do autor:

Pablo Laignier <[pablolaignier@gmail.com](mailto:pablolaignier@gmail.com)>

Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Rua do Bispo, 83

Rio Comprido

CEP: 20261-063 – Rio de Janeiro/RJ